



Thais Lemos Duarte é socióloga, pesquisadora e defensora de Direitos Humanos. Concluiu sua graduação em Ciências Sociais na UERJ em 2007. Fez seu mestrado na UFRJ e em seguida retornou à UERJ, onde se doutorou em Ciências Sociais em 2015. A defesa dos Direitos Humanos perpassa toda a sua trajetória, que combina a atuação acadêmica com passagens por instituições públicas e com a atuação em diversas organizações.

EMAIL

Thais-duarte@hotmail.com

### **1) Por que você escolheu cursar Ciências Sociais? E por que escolheu a UERJ?**

Admito que na adolescência não tinha como primeira opção cursar Ciências Sociais. Desde criança, meu sonho era ser juíza criminal e, por isso, me preparei no vestibular para ser aprovada em Direito em uma universidade pública. Só que não queria ser uma juíza qualquer. Temia me tornar uma profissional do mundo jurídico sem pensamento crítico, uma mera aplicadora da norma. Por isso, achava importante obter conhecimentos de disciplinas que me permitiriam ampliar minha visão de mundo, como a História e a Sociologia. Na verdade, aos 17 anos, nem sabia muito bem o que ambos os campos realmente poderiam me proporcionar. Mas, por algum motivo que desconheço efetivamente qual seja, teimeei em não fazer apenas Direito. Talvez eu tenha me inspirado em um professor sociólogo do ensino médio por quem eu tinha grande admiração.

Decidi, então, me inscrever no vestibular da UERJ em Ciências Sociais (à época não havia ENEM como hoje). Tinha escutado que era um curso de muita qualidade, além de eu ter simpatizado com a grade de disciplinas oferecidas, achada à época na *internet*. Também me inscrevi em Direito na UFF. Ao final do exaustivo processo de seleção, fui aprovada em ambas as faculdades e comecei a cursá-las em conjunto.

Já na minha primeira semana como universitária, em 2004, aos 18 anos, tinha trocado de ideia e não queria mais ser “juíza com consciência social”. Meu novo objetivo era ser socióloga, dispondo de noções jurídicas. Cursei por muitos anos mais a UFF, porém, assim que comecei a me envolver em atividades profissionais fora da universidade já como bacharel pela UERJ, optei por trancar este curso. Por certo, meus anos como aluna no Direito foram bastante importantes, porque me possibilitaram ter boas noções sobre o sistema de justiça criminal que, ao final, era o que precisava como pesquisadora na área e como defensora de Direitos Humanos.

Hoje em dia percebo com clareza que a UERJ foi a universidade que me garantiu as bases para a profissional e para a pessoa que me tornei hoje. Tenho muito orgulho de ter estudado numa das primeiras instituições de ensino superior que instituíram as cotas no Brasil, além de ser muito grata aos muitos professores que me ensinaram a analisar realidades sociais complexas que, por vezes, são de difícil tradução. Não houve nem um minuto em que eu tenha me arrependido de mudar o sonho de ser juíza para socióloga.

**2) Há outros cientistas sociais na sua família? Como sua escolha foi vista no seu ambiente familiar?**

Sou a mais nova de três irmãs. Desde pequena, tive contato com o ambiente acadêmico, pois meu pai era matemático, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Na minha infância, ele me levava para assistir suas aulas, eu o ajudava a aplicar as provas e ficava ao seu lado enquanto ele as corrigia. Então, em minha família era algo previsível o ingresso na universidade. Natural, também, seria seguir uma trajetória acadêmica, me encaminhando para o mestrado após a graduação e, em seguida, para o doutorado.

Talvez a diferença tenha sido eu enveredar para as Ciências Sociais, adotando como profissão um campo com o qual ninguém da minha família até então tivera contato, a Sociologia. Mais distinto, provavelmente, tenha sido trabalhar em ações de defesa dos Direitos Humanos, já que não conhecia até o início de minha vida adulta pessoas envolvidas em discussões de natureza mais política. No entanto, apesar de adotar um percurso muito próprio em comparação aos meus parentes mais próximos, sempre recebi apoio. Ao menos, não sofri resistências. Até porque consegui desde muito cedo me manter financeiramente através da minha profissão, alcançando certa independência.

Reconheço que nasci em um ambiente de privilégios, com uma família que me apoiou em minhas escolhas e que tinha meios para me garantir uma boa educação de base, embora estivéssemos longe de ser ricos. Apesar de sempre ter clareza de que esse cenário não compunha a realidade de boa parte dos companheiros e companheiras que cursaram a graduação comigo, espero que os traços de minha trajetória possam incentivar novos alunos/as na escolha de cursar Ciências Sociais.

**3) Quais ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por que?**

A graduação na UERJ me orientou para atuar nos âmbitos com os quais trabalho hoje em dia. Além de disciplinas que me permitiram obter conhecimentos sobre metodologia de pesquisa e teorias sociológicas, desde o segundo período da graduação fiz iniciação científica. Admito que comecei este tipo de atividade sem muita clareza dos seus possíveis efeitos em minha vida profissional. Muito jovem, estava mais atraída pela possibilidade de viajar sem custos para a Ilha Grande,

local onde a UERJ dispõe de um *campus* para realização de pesquisas. Portanto, me inscrevi e fui aprovada para ser bolsista do projeto voltado à reconstrução histórica de unidades prisionais que funcionaram no local por 100 anos (de 1894 a 1994).

De fato, fui diversas vezes à Ilha Grande, o que me trouxe uma experiência muito rica não só do ponto de vista das viagens em si. Tive contato com antigos agentes prisionais que trabalharam no Instituto Penal Cândido Mendes ainda na década de 1970. Ouvei várias histórias sobre a formação da organização criminal Comando Vermelho, além de ter escutado sobre as muitas violações de direitos praticadas comumente nesta unidade prisional. Para além destes momentos, fiquei muito impressionada com a literatura sobre prisões que passei a acessar e, ainda, me seduzi com a ideia de em alguma medida tentar transformar através da minha atuação a realidade carcerária nacional, altamente segmentadora e hierarquizante. Portanto, a possibilidade de lidar com a questão de modo mais permanente começou a se delinear em minha trajetória já a partir da iniciação científica.

Em 2005, fui compor o Laboratório de Análise de Violência (LAV). Fiz parte deste centro de pesquisas por aproximadamente 10 anos, mantendo laços com as atividades empreendidas pelo local para além da minha graduação. No LAV, participei de diversos estudos sobre sistema de justiça criminal, crime e segurança pública, o que me permitiu entrar em contato com realidades, temas de investigação e atores muito distintos. O interessante é que este laboratório não integrava apenas ações de pesquisa, realizando também atividades de intervenção. Através dele, então, visitei pela primeira vez uma prisão, ao representá-lo na Comissão de Direitos Humanos na OAB. À época, tinha apenas 20 anos e foi quando me dei conta de perto das violações de direitos que acometiam o sistema prisional.

A partir destas experiências, entendi que o conhecimento acadêmico, produzido a partir da ciência, deve robustecer a atuação política, voltada à transformação da realidade que nos rodeia. O fazer pesquisa é um dos instrumentos potentes para o desenvolvimento de ações que, a meu ver, devem focar na redução de desigualdades. E, através da graduação em Ciências Sociais na UERJ, dei meus passos iniciais neste sentido. Optei por mesclar atividades acadêmicas com a atuação destinada à formulação de políticas penais, adotando como foco a mudança das condições de vida das pessoas privadas de liberdade.

#### **4) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação?**

Após a graduação, iniciei em 2008 o mestrado na UFRJ e, em 2011, o doutorado na UERJ. Em ambas as etapas acadêmicas, estudei aspectos relacionados à questão prisional. No mestrado, observei o impacto da prisão nas rotinas das famílias de presos fluminenses. Já no doutorado, busquei compreender como são desenvolvidos os laços de afeto entre os custodiados e suas companheiras durante o período de privação de liberdade, comparando os cenários carcerários do Rio de Janeiro e da Bolívia.

Em conjunto com a minha inserção acadêmica, atuei em diversos espaços da sociedade civil, como o Observatório de Favelas, o Instituto de Estudos da Religião (ISER), o Centro de Estudos sobre Segurança e Cidadania (CESeC) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em todos estes locais, a partir de atividades de pesquisa, pensávamos em pautas de políticas públicas no campo da justiça criminal. Também compus por mais de dois anos, como representante do LAV/UERJ, o Conselho Estadual de Defesa de Direitos Humanos do Rio de Janeiro, tendo aí coordenado a Comissão de Segurança Pública e Privação de Liberdade.

Após a defesa da minha tese de doutorado em 2015, optei por me afastar um pouco das atividades acadêmicas e fui integrar o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, do qual fui subcoordenadora por um ano. Saí, então, do Rio de Janeiro para ir morar na cidade de firmes traços de Niemeyer, Brasília. Os membros do órgão, eu inclusive, visitávamos diversos espaços de privação de liberdade em todo o Brasil, alguns dos quais emblemáticos do ponto de vista das violações que os afligem, como o Presídio Central, no Rio Grande do Sul, e o Complexo do Curado, em Pernambuco. Após as inspeções, escrevíamos relatórios, propúnhamos recomendações e dialogávamos com representantes do Estado responsáveis pela privação de liberdade. Também tínhamos contato com atores de órgãos internacionais de Direitos Humanos, como os relacionados ao Subcomitê de Prevenção à Tortura das Nações Unidas. Nosso foco final era erradicar a tortura nos estabelecimentos onde as pessoas tinham seu direito de ir e vir cerceado.

Decidi me exonerar do Mecanismo Nacional em 2017, ano em que fui chamada para realizar a coordenação técnica do Centro de Pesquisas do Ministério Público do Rio de Janeiro. Voltei à capital

fluminense e, junto a uma equipe composta por oito pesquisadores, realizei uma série de estudos que buscava fundamentar a ação de promotores e de procuradores da instituição. Dois anos após, saí deste trabalho para atuar como analista de dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), participando por um ano de um projeto voltado a pensar a reestruturação nacional dos sistemas prisionais e sistemas socioeducativos.

Mais recentemente, a partir de 2020, decidi viver as Minas Gerais. Em movimento contrário ao estabelecido ao término da minha tese de doutorado, tenho voltado a me aproximar do ambiente acadêmico, talvez, pensando em ser professora universitária. Atualmente, sou pesquisadora de pós-doutorado em Sociologia na UFMG e componho a equipe do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. Meu projeto se volta a compreender a expansão da organização criminal paulista Primeiro Comando da Capital (PCC) pelo Brasil, com foco no estado mineiro.

Mesmo com uma vinculação mais próxima à universidade, tenho pretensões de manter meu contato com os movimentos sociais, a sociedade civil e órgãos que auxiliam na estruturação da política penal no Brasil e no mundo. No início de 2020, representei a Organização Mundial Contra a Tortura (OMCT) em uma missão na Guatemala. O objetivo deste trabalho foi analisar em que medida as recomendações emitidas por órgãos internacionais ao país, como o Comitê Contra a Tortura das Nações Unidas, são devidamente respeitadas. A qualificação técnica proporcionada pela minha experiência de pesquisa e o pensamento crítico fomentado pelas disciplinas das Ciências Sociais me permitiram compreender uma realidade altamente violadora e, assim, tentar fomentar algumas estratégias de transformação social.

### **5) De que forma as Ciências Sociais estão presentes na sua atuação profissional?**

Em face de todos os aspectos que sinalizei acima, me tornei a Socióloga que sou graças ao aprendizado nas bases da minha formação, desenvolvidas a partir da UERJ. Por outro lado, creio ser importante destacar também que as Ciências Sociais não são importantes apenas para conformar a atuação de um profissional. Elas possibilitam moldar um pensamento crítico sobre o mundo, fornecendo pistas de como se posicionar como sujeitos, de quais opções fazer e de como se relacionar com as pessoas com quem se interage.

Para mim, em minha vida, as Ciências Sociais me permitiram compreender a importância de se destituir do individualismo que pauta nos dias de hoje boa parte das relações sociais, me fornecendo um senso de coletividade não apreendido antes. Este tipo de pensamento fez com que minha trajetória (pessoal e profissional) se voltasse, em especial, a ações destinadas à redução das desigualdades econômicas e sociais que afetam o mundo onde vivemos. Por mais que, em alguns momentos, seja duro, cansativo e frustrante adotar este rumo, penso que não posso me destituir deste papel. Tive o privilégio de botar as lentes trazidas pelas Ciências Sociais que me possibilitaram enxergar o mundo em alguns de seus detalhes.

Entrevista concedida em 26 de junho de 2020.